

*Porque é só no negrume da solidão
que começa o trabalho da memória.*

Paul Auster, *Inventar a Solidão*

Histórias de outro tempo

Prefácio

Num tempo de solidão as recordações são a companhia das longas noites brancas, e a escrita surge a dar vazão ao que sinto.

Recordo a minha aldeia na Bairrada, nos anos 60 do século passado, povoada por famílias numerosas que viviam da agricultura. O trabalho era árduo, as pessoas trabalhavam de sol a sol, com instrumentos rudimentares e a ajuda de bois para cultivar as terras e transportar as uvas da vindima. O rendimento escasso proveniente da venda de colheitas e de animais de criação na feira de Cantanhede mitigava a fome latente e o desemprego impulsionou a emigração clandestina para França.

Não havia creche nem infantário na minha aldeia: passei os dias da minha infância com os meus familiares mais idosos de quem guardo recordações de carinho, dedicação e esperança. Esta primeira publicação é uma homenagem a esses familiares antigos: o avô Leodoro, a avó Laurita, o tio Joaquim, a avó Maria do Céu e outros, que me acarinharam e a quem devo valores de preservação e resiliência na adversidade. Refiro também alguns episódios da minha juventude e dos primeiros anos do processo revolucionário de abril de 1974.

Olho-me agora ao espelho: o rosto cansado, nos olhos uma réstia do brilho travesso com que atravesso a vida, o olhar ansioso entre o que tenho e o que quereria possuir, entre o que me rodeia e o que a imaginação cria. Anseio pela paz de espírito e a tranquilidade de quem nada queira senão o que estiver rigorosamente à mão, expectante do caminho a percorrer.

Alda Matos

1. Infância e Juventude

*Porque sem referências do passado
morrem os afetos e os laços sentimentais.*

José Cardoso Pires, De Profundis, Valsa Lenta

*Não quero adultos nem chatos.
Quero-os metade infância e outra metade velhice!
Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no
rosto; e velhos, para que nunca tenham pressa.*

Oscar Wilde

*E eu sinta de novo a sua força e ternura,
sinta de novo como sempre senti,
que estando junto dele nunca nenhuma coisa má,
nenhuma coisa triste, nenhuma coisa reles me poderia
acontecer porque o meu avô não havia de deixar.*

António Lobo Antunes, Livro de Crónicas

O avô Leodoro

Numa memória longínqua e sem cor vejo-me criança, sentada no chão térreo de uma adega de aldeia, a brincar com bonecas de trapos, rodeada por restos de madeira espalhados pelo chão. Na bancada de trabalho, o avô Leodoro desenha uma dorna no canto de uma tábua, com um lápis de bico quadrado, metade azul e metade vermelho. A dorna da encomenda que tem em mãos, tem aduelas certinhas a saírem do perímetro oval ou circular, que a prática lhe ensinou a calcular. É um homem alto, muito magro, de cabelo grisalho, calmo e gentil: fez o meu berço, o andarilho em que aprendi a andar e a minha primeira cadeira, pequenina, alinhada com a dele junto à lareira da cozinha da casa dos avós paternos.

Na década de sessenta do século passado as casas da aldeia não tinham televisão e o serão na casa dos avós era caloroso à roda da ceia que reunia avós, filhos e netos. A refeição frugal era servida numa taça enorme colocada no centro da mesa: fosse comida de garfo ou sopa de feijão e legumes, todos comiam da mesma taça. As crianças bebiam água e os adultos água-pé. À mesa fala-se das sementeiras, dos trabalhos de carpinteiro do avô e assuntos do quotidiano. Na lareira, a um canto da cozinha, um cepo de oliveira arde durante o serão: a lenha estala, o lume crepita e o calor do fogo aquece os pés e ilumina os rostos. Após a refeição a avó Laurita lava a louça e o avô senta-me nas botas, enebadas com gordura de porco, e canta uma canção brejeira:

- Teu pai, tua mãe, tua tia, foram pró mato fazer porcaria...

E repete a frase em lengalenga com um sorriso maroto e os olhos brilhantes da água-pé. A avó Laurita, muito séria, repreende-o pelo

linguajar: tem tino na língua, homem, olha as crianças... A família diverte-se com a cena — sem ter bebido o avô jamais cantaria.

Na aldeia contavam-se histórias bizarras, faladas à boca pequena. Não havia iluminação pública e a obscuridade da chuva miúda tornava disformes os vultos que passassem na rua com chailes e capotes pela cabeça. Nas noites de nevoeiro, almas penadas vagueariam nos sítios ermos como a do Bravo que se enforcou jovem e assombrava a antiga namorada recém-casada com um primo. Numa dessas histórias fantasiosas o avô Leodoro transformar-se-ia em lobisomem nas noites de lua cheia. Ganhara essa fama por ter sobrevivido a uma operação em que lhe tiraram um pulmão gaseado durante a I Grande Guerra — para os aldeões só um lobisomem poderia ter resistido à dor e do comentário à lenda o passo foi curto. Para as comadres da aldeia, velhas e desdentadas, sentadas na soleira das portas, e amigas da má-língua, a magreza do avô dever-se-ia ao esforço de se transformar em lobisomem nas noites de lua cheia e correr pelo campo nas sete freguesias do concelho. Acompanhavam-no as bruxas e outras criaturas estranhas com encontro marcado na encruzilhada dos quatro caminhos, junto a três carvalhos muito antigos, local pouco frequentado depois do sol-posto.

O avô diverte-se com a bisbilhotice das comadres e acrescenta, trocista, que na última lua cheia apareceram umas bruxinhas novas das aldeias vizinhas, muito interessantes, com saias curtas a esvoaçar, montadas em vassouras velozes e travessas: uma novidade para as bruxas velhas e desdentadas. A avó Laurita, abana a cabeça contrariada, benze-se e impede-o de continuar a conversa à frente dos netos.

Eu achava estranho o avô Leodoro sair da cama nessas noites sem a avó Laurita dar por isso. A minha avó materna, Maria do Céu, explicou-me que os lobisomens têm pacto com as bruxas, que os acompanham nessas noitadas, vestidas de preto, com uma luz fraquinha pendurada na vassoura, pouco mais que pirilampo. Perto da meia-noite uma delas voa por cima da avó adormecida e diz:

- Eu te benzo, por ordem de Belzebu, com as fraldas do meu cú...

A avó Laurita ficaria enfeitiçada e adormecida até o avô chegar dos passeios com criaturas esquisitas que não vemos à luz do dia.

Na época os habitantes da aldeia alimentavam-se dos produtos cultivados na terra, de ovos, peixe seco salgado, e da carne de um porco por ano, conservada em salmoura na salgadeira de madeira. Os enchidos de sangue, de gordura e de carne do porco conservavam-se durante meses, pendurados nas traves do fumeiro por cima da lareira. Nas festas matavam uma cabra velha para a chanfana e talvez um borrego se a colheita fosse melhor. As galinhas de criação guardavam-se para poedeiras ou para a canja de alguma pessoa doente. Quando regressava da escola e não encontrasse nada para comer na minha casa, ia ter a casa do avô onde havia sempre alimento à minha espera, quiçá a refeição que deixava de comer para me dar ou repartir pelos meus primos... todos adoramos a memória do avô Leodoro.

A personalidade abnegada do avô tinha outra faceta de misericórdias extrema. O seu nome verdadeiro era Manuel e a alcunha de Leodoro ficou-lhe da juventude, do tempo em que um seu irmão com esse nome morreu esmagado debaixo de um carro de bois carregado de lenha, que se virou no caminho barrento e alagado perto da ribeira dos pinhais. Desde a morte do primogénito a minha bisavó chamou Leodoro ao meu avô e foi como se fora o Manuel a ter morrido.

Levanto agora o queixo e o espelho reflete uma cicatriz antiga, da noite em que o avô escorregou nos degraus envelhecidos da escada escura do sobrado, comigo ao colo: na queda parti o queixo e o avô fraturou costelas, e aleijou-se no corrimão de madeiro que se partiu com o peso do corpo em queda. Quando falava desse episódio dizia-me:

- O nosso sangue misturou-se na queda, por isso fiquei mais perto de ti. Um dia, quando eu morrer, não chores e veste um vestido vermelho como em dia de festa.

Vinte anos depois soube da sua morte sem tempo para obter o visto para sair de Angola e regressar à aldeia para o enterro. Sozinha naquele país distante, cumpri o pedido antigo do meu querido avô e vesti o único vestido vermelho que tinha levado de Portugal. Revi os momentos singulares que passámos juntos e chorei dolorosamente, saudosa daquele afeto genuíno que se apartava da minha vida.

*Preciso reviver, eu bem sei,
mesmo que só na lembrança,
voltar à minha antiga casa, rever a minha infância
e todos os momentos felizes que lá passei.*

Clarice Pacheco, Quando rever é reviver

A casa da minha infância

A casa da minha infância tem dois pisos e foi destinada aos meus pais quando estes se casaram. Situa-se junto à rua principal da aldeia, tem um degrau de soleira à saída da porta da sala, um portão estreito para passagem de pessoas e outro, mais largo, para serventia do carro de bois. Entre o portão da rua e o alpendre de acesso à cozinha há um pátio outrora ocupado com galinhas, patos e perús. Na memória longínqua da infância, vejo-me menina a passar por entre a bicharada que, ao ruído do batente do portão, acorria à passagem para o alpendre da cozinha à espera de comida.

O avô Leodoro forrou com madeira de pinho o teto e o soalho das divisões do rés-do-chão. Começou pelos dois quartos e a sala, e nesta acrescentou um trabalho esmerado de figuras geométricas sobrepostas a criar relevos em volta da luz do teto e no lambril. Faltava então forrar o teto da cozinha, maior com a falta dos armários de parede e das louças apinhados na arrecadação.

No primeiro dia o avô separou algumas tábuas da rima encostada à parede do alpendre, e foi serrando-as à medida, para pregar nos barrotes que já tinha colocado no teto, em paralelo a ligar as paredes da cozinha. Fiquei por ali a brincar com pedaços de madeira, curiosa das ferramentas da seira de corda. Foi-lhe difícil olhar por mim e trabalhar, e nos dias seguintes fiquei com a avó Laurita. Voltava à casa dos meus pais à noite com o Leão, um cão branco, enorme, com o pêlo cortado em juba.

A aldeia é pequena, todas as pessoas se conhecem umas às outras, e eu ia de uma casa à outra, sozinha, com o Leão ou sem ele. Pelo caminho encontrava outros meninos a brincar na rua, sem haver carros a impedirem as brincadeiras. De vez em quando passava alguém de bicicleta e vinha o aviso de cuidado dado pelas pessoas

mais velhas, que já não trabalhavam, sentadas na soleira das portas à conversa. Às vezes vinha pela rua no dorso do Leão, agarrada ao pêlo da juba, que me transportava como se fora animal de carga. Eu gostava de morar naquele sítio tanto mais que não conhecia outro.

O trabalho do avô avançava, o teto estava quase pronto e, em breve, os móveis seriam repostos nos seus lugares e voltaríamos a usar a cozinha. Naquela manhã choveu muito e a minha mãe vestiu um impermeável amarelo. Quando chegou da rua sacudiu as gotas de chuva e pendurou-o num cabide da parede do alpendre, para secar. À tarde a chuva parou e ela saiu para o campo e levou o Leão. Sem o cão a pedir rua, distraí-me a brincar com os primos e só regressei da casa dos avós à noite. Ao abrir o portão do pátio, as galinhas correram à espreita dos grãos que trouxesse no bolso do bibe. Enxotei-as, devagar, para chegar ao alpendre e do escuro destacou-se um impermeável amarelo, enorme e reluzente. Recuei, dei meia volta e atravessei o pátio a toda a pressa - os patos grasnavam assustados à minha passagem e o grulhar dos perús soou-me ameaçador. Já na rua corri quanto pude até à casa da avó, sem reparar em ninguém pelo caminho. Cheguei transpirada e ofegante, sem conseguir falar, e a avó inquietou-se ao ver-me naquele sufoco:

- O que é que tu tens? para quê tanta correria?

Quando recuperei do cansaço e do susto disse-lhe que tinha visto um ladrão lá em casa.

- Não pode ser querida, na aldeia não há ladrões. Algumas pessoas até deixam a chave na porta da rua quando saem de casa!

Fiquei à espera da minha mãe e repeti-lhe que tinha visto uma pessoa no alpendre, vestida com o impermeável amarelo. Naquela noite dormi na casa da avó e na manhã seguinte, a mãe veio buscar-me e mostrou-me o impermeável amarelo, pendurado no cabide da parede do alpendre que eu vira brilhar no escuro, pensando que estaria vestido numa pessoa. Na aldeia não havia ninguém tão alto como aquele cabide, mas a confusão e o susto foram tais que ainda hoje me lembro ... e passaram mais de cinquenta anos!

*Avó, um tesouro valioso,
um tesouro insubstituível.
Tão meiga e doce como o mel.*

Beatriz Torres

A avó Maria do Céu

Bem-disposta como o avô Leodoro era a avó Maria do Céu, baixa, gordinha, muito risonha e sem pressa. À noitinha sentava-se junto à lareira e, com a saia rodada, fazia um regaço entre os joelhos onde eu me aninhava. Recordo-a a amassar o pão de milho, de avental e com um pano branco na cabeça a segurar o cabelo: ao finalizar na amassadeira de madeira ficava uma bola de massa, aspergida de farinha, com uma cruz que traçava ao meio enquanto dizia:

- Deus te ponha a virtude que eu por mim fiz o que pude!

Contava-me histórias em que não havia princesas a casar com príncipes e a serem "felizes para sempre". Nas lendas dela havia bruxas, lobos enganados por raposas ladinas, e mulheres matreiras casadas com maridos bobos. Hoje compreendo melhor essas histórias mas nesse tempo de infância divertiam-me as gargalhadas dela e a malícia do sorriso ao contar-me as peripécias bizarras das suas personagens. Numa das histórias a mulher de um caixeiro-viajante tinha um amante e colocava um corno de carneiro no telhado para o avisar da ausência do marido. Certa noite o cônjuge regressou a casa mais cedo sem que ela pudesse retirar o corno do telhado. À noite soaram pancadas na porta da entrada e diz a ladina ao marido:

- São as almas do outro mundo! Mas eu conheço uma reza que as afasta.

Levanta-se, aproxima-se da porta e declama:

- Óh almas do outro mundo! Vinde a este prestar socorro, tenho o marido na cama e esqueci-me de tirar o corno

Repete o dito três vezes, cessam as pancadas e diz o marido:

- Admiro a tua força mulher! Até as almas do outro mundo te obedecem!

A avó ria ao contar estas e outras peripécias das suas personagens ladinas. Numa outra, o padre da freguesia celebrava a primeira missa

em jejum e apreciava a jeropiga usada como "sangue de Cristo" durante a celebração. Após a missa, subia ele ofegante a ladeira de regresso a casa e, ao saudar um pobre paroquiano que passava deu um urro a imitar um boi. Ao chegar a casa relatou-lhe o sucedido que equivalia ao padre chamar-lhe "corno".

- Óh homem deixa que vou dar-lhe uma descompostura! Mas tens de levar-me às cavalitas que tenho uma dor na perna.

O pobre marido anuiu e carregou-a às cavalitas até à encruzilhada, perto da casa do padre, onde o encontraram sentado à sombra de uma oliveira. E disse-lhe ela:

- Óh pai dos meus meninos, comedor dos meus toucinhos, que rompes as minhas camisas de linho, se ao meu homem "corno" tornares a chamar lembra-te que mo hás-de pagar que neste burro que vim espero voltar!

Passados dias o marido passou pelo padre na rua e este cumprimentou-o com respeito. Ao chegar a casa o marido mostrou-se agradecido pela lengalenga que a mulher fizera ao padre, que deixara de ser trocista ao cruzarem-se na rua.

Enquanto contava as suas histórias, a avó ria, feliz. Mais tarde percebi que as graçolas da avó eram o seu refúgio face à rudeza do marido, o avô Rau. Eu teria cinco ou seis anos e, certo dia, a zanga dos avós maternos foi tão forte que se ouviu na vizinhança. Aos gritos lancinantes da avó Maria do Céu acorreram a minha mãe e algumas vizinhas, apinhadas no meio da cozinha: passei entre elas, e, no centro da roda, vi o corpo da avó Maria do Céu, no chão, de olhos fechados, como morta, com um fio de sangue a escorrer-lhe do canto da boca até uma poça acumulada junto ao pescoço. Em voz baixa as vizinhas comentavam a violência do avô Rau e o medo que a avó tinha das tarefas dele. Após recuperar os sentidos a avó veio para a minha casa e não viveu mais com o marido.

Já instalada na casa dos meus pais, em cada manhã a avó Maria do Céu pegava no balde com farelo, milho partido e couve cortada, e íamos para o pátio alimentar os bichos - habituados ao balde de farelo corriam para qualquer pessoa que passasse no pátio. A avó chamava cada galinha pelo nome e apanhava-lhes o rabo para ver se tinham ovo. Mais tarde, pelo cacarejo, víamos onde estava o ninho e

íamos buscar os ovos; se fossem poucos, procurávamos na lenha do pátio ou na palha do celeiro para encontrarmos os que faltavam à conta dos que tinha apalpado no rabo das galinhas. Com um ovo ainda quente a avó preparava-me uma gemada com açúcar amarelo e café, tão saborosa, que ainda lhe guardo o gosto!

Um dia a Flausina, uma pedrês de pescoço pelado, não apareceu durante dias. Procurámo-la, em vão, nos recantos da lenha do pátio e da palha do celeiro.

- Que galinha mais baldeirota! Deve ter voado para algum quintal da vizinhança. Se tiver fome volta. Exclamou a avó.

Duas semanas depois lá apareceu a Flausina, magrita, seguida por treze pintainhos, umas bolas de lã com patitas pequeninas... amarelinhos, que fofos!

Ao fundo do pátio ficava o celeiro e a adega dos meus pais. À tarde ia buscar à adega o miminho para a avó Maria do Céu: içava-me para o parapeito da janela da adega e eu passava pelo topo do muro do tanque de fermentar as uvas; de seguida esgueirava-me pela beirinha do muro, rente à parede, e, já dentro da adega, descia pelos tonéis, dos grandes para os pequenos, até chegar ao chão. Enchia uma caneca de vinho na torneira da pipa, sem entornar uma gota que fosse, e regressava ágil, colocando, à vez, cada pé e a mão livre nas metades de tijolo salientes do muro do tanque, saindo da adega com a bebida sem passar pela porta fechada à chave. Era o nosso segredo!

*Mas daríamos tudo para podermos conhecer os mortos
antes de eles terem morrido, para podermos
familiarizar-nos com os mortos quando eles viviam.*

Paul Auster, A noite do oráculo

Dulce

À tardinha a avó Maria do Céu abria a porta da sala e, sentada no degrau da soleira, ela colocava-me a mana Dulce no colo. Segurava-a com todo o cuidado e ficava muito quieta, a ver passar as pessoas que regressavam do trabalho, os rostos cansados e vincados pela luz do crepúsculo. Na época da caça os homens traziam coelhos pendurados nos ganchos do cinto, mortos à paulada, acoçados pelos cães de caça.

Às vezes dava à mana o biberão feito com o leite em pó distribuído pelo sacristão da aldeia para as crianças sem aleitamento materno, ou as papas de farinha 33. Eu teria uns cinco anos quando a mana Dulce adoeceu. Os pais consultaram um médico na Mealhada, que lhes disse serem "dentes a nascer" e recomendou a substituição do leite por caldo de arroz.

A diarreia continuou e a mana foi ficando magrinha e tristonha: as pessoas que passavam no fim-de-tarde viam-nos na soleira da porta e inquietavam-se com o brilho embaciado dos olhos da bebé e o aspeto macilento da face. O tempo foi passando, sem melhoras, e os sintomas agravaram-se. Os pais consultaram outro médico, o Dr. Santos, mas, tarde demais, a mana morreu.

Ao fim da tarde a madrinha de Dulce trouxe um caixão preso no suporte traseiro da bicicleta branco com uma cruz vermelha na tampa — e colocou o caixão em cima da mesa da sala, com uma almofada por baixo da cabeceira para que a inclinação permitisse ver-se o corpo magrinho da mana, lá dentro, vestida com a roupa do baptizado e rodeada de flores de pano, brancas de estames amarelos.

No velório, as pessoas entravam para se despedirem da mana e confortarem a família. Algumas questionavam como fora possível que a Dulcinha tivesse morrido, tão depressa. Aspergiam o corpo com água benta e a cada condolência redobrava o choro da mãe e dos avós.

Não me lembro do meu pai presente. Alguém me pegou ao colo e me aproximou do caixão, para o último beijo na face branca e fria da mana, tão linda e sossegada no seu sono sem dores!

A meio da tarde vieram quatro meninas da irmandade, adolescentes, vestidas com túnicas brancas e a mesma cruz vermelha pintada nas costas. Pegaram a quatro no caixão, uma em cada canto, e colocaram-se com o caixão no meio de duas filas silenciosas de crianças mais pequenas, vestidas com as mesmas túnicas da irmandade, num enterro branco, de cruces vermelhas, de horror insuportável. O cortejo iria atravessar a aldeia e dirigir-se para o cemitério da freguesia a uns 5 quilómetros de distância, acompanhado por pessoas da família e algumas vizinhas.

Refugiei-me no quintal, à sombra da nogueira, e chorei até adormecer a partida da mana Dulce, a minha boneca de menina!

Claustrofobia: aversão e medo irracional, desproporcional e persistente de estar ou passar em lugares fechados ou de tamanho reduzido.

Infopédia, Porto Editora

Claustrofobia

Pela manhã a avó Laurita ia à horta perto das últimas casa da aldeia, num terreno com laranjeiras onde semeava canteiros e talhões de legumes e hortaliças. Eu brincava no campo das redondezas e nunca os pássaros me pareceram tão alegres ou as papoilas mais vermelhas! Numa dessas manhãs vi um coelhito, muito pequenito, a saltitar e, surpreendida, corri atrás dele. O bicho assustou-se e correu a enfiar-se num penhasco, no topo das hortas. Aproximei-me para o procurar e encontrei um buraco de onde escorria um fio de água. Espreitei melhor e vi uma nascente de água. Depois da corrida aquela água fresquinha ia saber-me bem! Espreitei pelo buraco e vi, para lá, um espaço maior com uma fonte. Deslizei na erva molhada do buraco e, mais abaixo, encontrei uma gruta de teto baixo. Corcovei a cabeça, olhei em redor e não vi o coelho. Por dentro, o espaço era diminuto, o ar quente, húmido e abafado, e das paredes musgosas, cobertas de líquenes verdes, escorriam gotas que desciam até ao chão coberto de seixos. Uma água límpida brotava da bica cavada na rocha: baixei-me, fiz uma concha com as mãos, e bebi-a, tão fresquinha! Ao erguer-me bati com a cabeça no teto, fiquei tonta: senti falta de ar e o espaço a encolher com o teto quase a cair-me em cima. Lembrei-me do Pedrito que morreu dentro de uma mina e da tia Gracinda falecida a tentar salvá-lo! Tinha de sair dali. Procurei o sítio por onde entrara e pareceu-me demasiado estreito para eu sair. O ar húmido da gruta sofucava-me e o meu corpo já encharcado ficou coberto de suor frio: meti a cabeça no buraco, finquei os pés no chão e empurrei-me para a frente, com força; fechei os olhos ao sentir o corpo apertado entre a erva que, do lado de dentro, entupia o buraco da saída. Após uns instantes, eternos, senti o calor do sol na cara suada e respirei aliviada da claustrofobia.

Ouvi então a voz aflita da avó Laurita, a chamar-me, e respondi-lhe com um grito de contentamento por finalmente a encontrar. Corri

para ela e contei-lhe que tinha descoberto uma fonte secreta dentro de uma gruta. A minha avó, muito séria, disse-me que ficasse por perto porque tinha de trabalhar e não podia perder tempo a vigiar-me. Sorri, abracei-lhe uma perna, ternurenta, e prometi-lhe ir apanhar um ramo de flores "para dar à vovó".

A imaginação que tu tens! Acrescentou com um abanar da cabeça preferindo acreditar na minha imaginação em vez de uma mina de água como aquela onde morrera o Pedrito e a tia Gracinda.